



AS DIFICULDADES DO GÊNERO MASCULINO NO CURSO DE PEDAGOGIA: CONCEPÇÕES E ADVERSIDADES DA FORMAÇÃO

THE DIFFICULTIES OF THE MALE GENDER IN THE PEDAGOGY COURSE:
CONCEPTIONS AND ADVERSITIES OF TRAINING

Luiz Gonzaga de Carvalho Neto¹
Emerson Benedito Ferreira²

RESUMO: O trabalho busca analisar as adversidades enfrentadas pelo gênero masculino nas universidades brasileiras, compreendendo a história da pedagogia no Brasil e a feminilização da docência, especialmente na educação infantil. Serão abordadas por meio de bibliografias, as causas, os obstáculos e as desmotivações ao longo da formação de estudantes no ensino superior. Além disso, será realizada uma análise do banco de dados da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, no período de 2017 a 2022, buscando compreender se foram conduzidas pesquisas relacionadas ao tema no âmbito da educação superior.

Palavras-chave: Gênero; Docência; Pedagogia; Educação.

ABSTRACT: The work seeks to analyze the adversities faced by males in Brazilian universities, understanding the history of pedagogy in Brazil and the feminization of teaching, especially in early childhood education. The causes, obstacles and demotivations throughout the training of students in higher education will be addressed, through bibliographies. In addition, an analysis of the database of the State University of Piauí, Campus Parnaíba, will be carried out from 2017 to 2022, seeking to understand whether research related to the topic has been conducted within the scope of higher education.

Keywords: Gender; Teaching; Pedagogy; Education.

1. INTRODUÇÃO

A formação educacional é o principal caminho para o progresso de uma sociedade, conforme indicam estudos. O estágio inicial desse processo é especialmente crucial para o avanço e amadurecimento educacional de um indivíduo. É nesse contexto que a licenciatura em pedagogia se destaca, desempenhando um papel significativo como o primeiro ponto de contato no campo da educação de uma pessoa.

Segundo a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE, 2023, p. 27), é relevante ressaltar que "A preparação dos profissionais da educação por meio do curso de pedagogia passou a ser amplamente reconhecida como um dos requisitos essenciais para o avanço da educação básica no país."

¹Luiz Gonzaga de Carvalho Neto. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, l.gonzaga@aluno.uespi.br.

²Emerson Benedito Ferreira. Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, emersonbeneditoferreira@phb.uespi.br.



Assim, a pedagogia sempre se destacou, proporcionando a garantia de profissionais versáteis em suas atuações, abrangendo desde a educação até o planejamento, e inclusive abordando temas desafiadores, como contextos sociais, políticos, econômicos e culturais. No entanto, é notável que as mulheres desempenham um papel mais expressivo nesse campo, enquanto os homens, em sua maioria, têm uma participação reduzida em decisões e organizações.

Nesse contexto, Guacira Louro (1997, p. 88) ministra a seguinte consideração:

A escola é feminina, porque é, primordialmente, um lugar de atuação de mulheres — elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas.

Considerando os desafios enfrentados pelos estudantes do sexo masculino no curso de Pedagogia, torna-se crucial refletir sobre a participação mínima dos homens nessa área.

Diante dessa problemática, é viável destacar alguns pontos histórico-sociais que contribuíram para moldar a sociedade e perpetuar questões desfavoráveis à imagem do homem como professor, especialmente nos anos iniciais. Isso caracteriza os obstáculos que eles enfrentam no contexto da formação de professores.

Nesse contexto, este trabalho, de natureza bibliográfica, tem como objetivo principal "compreender e analisar as concepções e adversidades envolvendo a formação e atuação docente do gênero masculino no curso de pedagogia".

Terá ainda, como fundamento, uma análise sucinta do início da história do curso de Pedagogia, buscando entender como a inserção em grande escala das mulheres se desenvolveu ao longo de extensos períodos. Além disso, será abordada a "ocultação" dos homens nesse curso, permitindo uma compreensão mais profunda de como as escolas e as pessoas lidam com esse tema específico e qual é sua relevância na sociedade contemporânea.

A pesquisa também aborda considerações sobre desmotivações e obstáculos enfrentados por alguns estudantes, conforme observado em pesquisas bibliográficas. Essa abordagem se torna fundamental para interpretar as causas dos desafios enfrentados pelos homens em relação à sua identidade de gênero e à escolha profissional.

Além disso, foi conduzida uma investigação sobre o tema no Banco de Dados da Universidade Estadual do Piauí, Campus Parnaíba, com foco específico no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. O objetivo foi examinar trabalhos científicos que abordam a temática no contexto educacional. Nesse aspecto, a pesquisa se caracteriza como exploratória, buscando compreender e mapear as contribuições existentes sobre o assunto no referido ambiente acadêmico.

Em concordância com as informações apresentadas nos documentos acadêmicos disponíveis na biblioteca do Campus da Universidade, é possível enfatizar a singularidade da turma à qual pertencemos. Nos estágios iniciais, essa turma se destacou ao contar com uma predominância de estudantes do sexo masculino, contrariando a



tendência comum nas turmas de Pedagogia da UESPI, onde, inicialmente, a distribuição de gênero costuma ser equitativa, com metade dos estudantes sendo homens e metade mulheres. Ao término do curso, observou-se uma estimativa de que 75% dos alunos que ingressaram no Curso de Pedagogia no período de 2019.1 eram do sexo masculino.

Em relação à relevância da temática "o homem no curso de Pedagogia", Angelita Alice Jaeger orienta da seguinte forma:

Não nascemos mulheres e homens, mas nos tornamos sujeitos de gênero através de práticas sociais feminilizantes e masculinizantes, constituídas em meio àquilo que valoriza, deseja, rejeita e silencia determinada época acerca dos modos de constituir sujeitos mulheres e sujeitos homens (2017, p. 37).

Contribuindo para a conscientização da temática no âmbito educacional, Deborah Thomé Sayão oferece sua contribuição ao afirmar:

A estreita relação e os modos como concebemos a masculinidade e a feminilidade com a sexualidade fazem parte desse contexto de representações culturalmente construídas e produzidas/reproduzidas nos diferentes espaços sociais (2005, p. 210).

Diante do exposto, justifica-se a necessidade de reflexão sobre o aluno homem nos cursos de Pedagogia, destacando e ponderando os desafios enfrentados por eles durante esse processo de formação no contexto educacional superior.

2. A RELAÇÃO ENTRE OS HOMENS E O CAMPO DA PEDAGOGIA AO LONGO DA HISTÓRIA

Analisando a evolução histórica da Licenciatura em Pedagogia, podemos observar que, atualmente, a maioria esmagadora dos profissionais nessa área é composto por mulheres. Nesta chave de análise, pode-se dizer que, em um passado fortemente dominado pelo patriarcado, acabava por limitar as oportunidades para as mulheres e as direcionava para papéis educacionais, já que os homens não demonstravam interesse em se envolver nessa área. Isso fazia com que as mulheres fossem praticamente a única opção disponível, e, conseqüentemente, eram encarregadas de educar as crianças desde a tenra idade (NOVAES apud SANTOS, 2003, p. 18).

Examinando as análises relacionadas à presença das mulheres no âmbito do ensino, pode-se perceber que essa inclusão ocorreu principalmente devido à pressão social, impulsionada pela expansão da educação. Conforme observado por Almeida, “o acesso à escolarização por esse sistema de seção feminina na Escola Normal atendeu mais às necessidades sociais que a urbanização”. (1996, p.73).

Assim, ao considerar os principais aspectos dessa ascensão das mulheres em relação aos homens na docência, é legítimo destacar as batalhas travadas para conquistar direitos anteriormente negados pelo sexo oposto. Isso incluiu o direito ao voto e a criação de mais escolas de formação de professores, permitindo que as



mulheres da época atuassem no ensino primário (ALMEIDA, 1996).

Segundo Pereira (2014), ao longo do tempo, a justificativa de que as mulheres desempenhavam funções educacionais devido à sua maternidade, enquanto os patriarcas da família supostamente não tinham interesse na educação dos filhos, acabou criando uma espécie de "barreira" entre pais e filhos. Essa dinâmica resultou, de forma sutil, na perpetuação de uma "pedagogia feminina" que deixou suas marcas na área da educação por muitos anos. Neste sentido:

O discurso da maternagem passa a demandar o carimbo científico, sendo a pedagogia a materialização essencial para tal intuito. Várias mulheres se utilizam dela para tentar científicizar seus saberes como mães ou futuras mães, fazendo com que o discurso pedagógico seja um espelhamento do discurso materno (PEREIRA, 2014, p.183).

Trabalhando com o tema, Sandreilane Cano da Silva (2020) indica que com a industrialização do trabalho e a urbanização das cidades, as mulheres ganharam um maior acesso à educação. Como resultado, muitas delas começaram a frequentar cursos de magistério e, conseqüentemente, ingressaram no mercado de trabalho como professoras. Esse movimento proporcionou às mulheres um *status* social de prestígio associado à profissão de professora.

Orienta ainda a mesma autora:

Esse ingresso no magistério trazia, de maneira velada, a ideia de que ser mulher era a característica ideal para trabalhar com as crianças. Isso porque se acreditava que a mulher já nascia com a vocação para cuidar e educar bebês e crianças pequenas, por isso ela era naturalmente paciente, bondosa e amorosa (SILVA, 2020, p. 42).

E ainda:

As características do magistério como meio período de trabalho e recessos anuais foram outros aspectos que levaram as mulheres a procurar essa profissão. Já que elas, mesmo atuando no mercado de trabalho, continuariam responsáveis pelos afazeres domésticos e assistência aos filhos (SILVA, 2020, p. 42).

A combinação da ideia de que a docência era uma extensão natural da maternidade, juntamente com o acúmulo de responsabilidades relacionadas ao trabalho educativo e doméstico, resultou em uma formação de baixa qualidade, na precarização das condições de trabalho dos professores e em remunerações inadequadas. Esse cenário também deixou uma marca na divisão de trabalho por gênero dentro das instituições escolares, com as mulheres predominantemente assumindo papéis na docência, enquanto os homens frequentemente ocupavam cargos de liderança ou administração (SILVA, 2020, p. 42).

Os homens eram frequentemente vistos como líderes naturais e muitas vezes tinham mais tempo e recursos para se dedicarem à melhoria de sua formação. Isso resultava na atribuição de cargos de direção, coordenação e supervisão a eles, enquanto



muitos abandonavam o magistério e avançavam para funções administrativas, que geralmente eram mais bem remuneradas. Esse padrão de ascensão profissional contribuía para a disparidade de gênero na educação, com as mulheres predominantemente atuando como professoras e os homens ocupando cargos de liderança (SILVA, 2020, p. 42).

As mulheres, muitas vezes consideradas naturalmente carinhosas, meigas, passivas e pacientes, além de enfrentarem restrições de tempo para buscar qualificação adicional, acabaram predominantemente assumindo funções na docência. Essa percepção gradualmente consolidou a ideia de que a profissão de professores de crianças pequenas era uma atividade feminina, uma noção que persiste até os dias de hoje. Esses estereótipos de gênero contribuíram para a segregação ocupacional e para a desigualdade salarial entre os gêneros na área educacional (DEMARTINI, ANTUNES, 2002).

A essência daquilo que acima foi mencionado pode ser identificada nas escritas de Francisco Antônio Berra quando ele contribuiu para a Revista Pedagógica em 1897.

As mulheres, excluídas por ideias e costumes absurdos de quase todas as profissões e dos empregos e funções públicas, estão geralmente condenadas à triste condição de parasitas. Necessitam do pai ou do marido para viver. Desgraçadas delas desde o dia em que esse arrimo lhe falte se são pobres E mesmo durante a vida, quantas misérias; quantas amarguras, se um homem, que apenas ganha o que ele só precisa gastar, tem que repartir o fruto de seu trabalho, como sucede frequentemente com sua mulher, e com duas, três, quatro e cinco filhas, que nada ganham? Classe humana que assim vive e que tem consciência de sua desgraça, tem de derramar-se como uma torrente para o primeiro campo de ação que as circunstâncias ponham ao seu alcance. Assim, porque as mulheres encontram nas escolas e o povo nas professoras, um meio de satisfazer necessidades físicas e morais, que sem elas não satisfariam, vêm as mulheres substituindo aos homens no ensino primário sul-americano. Poderia observar-se que a mulher ocupa os lugares que o homem abandona porque os encontra abandonados, não porque haja luta e vença ela pela superioridade ou pela excelência de suas forças. A princípio, assim sucedeu em toda parte: as mulheres têm sido admitidas nas escolas por necessidade, porque houve que optar entre conformar-se com elas ou fechar os estabelecimentos de ensino. Porém, sobreveio a experiência e ela mostrou, primeiro aos observadores e logo a todo o mundo que as mulheres adquirem com igual ou maior facilidade que os homens os conhecimentos primários e profissionais que são necessários para ensinar bem nas escolas, que possuem qualidades congênitas, adequadas para educar que não são próprias da maioria dos homens, que são mais aptas que estes para o labor escolar, e que satisfazem melhor as necessidades da disciplina. Desta experiência resulta que a mulher, admitida primitivamente por necessidade, é de dia para dia, mais solicitada que o homem (p. 40-41).

Com efeito, pode-se dizer que no Brasil, por muitos anos, as mulheres foram vistas como seres controláveis e mutáveis pelos maridos. Estes homens, seres



imponentes em suas decisões e imposições, impunham ao gênero feminino o papel de progenitora da vida, dando a ela o atributo de cuidado, afeto e educação das crianças. Nesta direção, Costa (1995) e Vianna (2001) elaboram as seguintes conclusões:

A alma de uma nação é a alma da mulher, da Mãe – que é a educadora, a esculptora dos caracteres, a transmissora dos papíros sagrados da tradição, a guarda fiel do amor da Pátria no coração de seus filhos (p. 13).

Em decorrência, funções como alimentação, maternidade, preservação, educação e cuidado com os outros ficam mais identificadas com os corpos e as mentes femininas, ganhando, assim, um lugar inferior na sociedade, quando comparadas às funções tidas como masculinas (p. 93).

Fazendo-se notável que a participação feminina no desenvolvimento moral e demais valores sempre foram por elas alicerçados, a sociedade, como forma de obediência à tradição, excluiu do homem essas colaborações. De fato, a mãe/mulher tornou-se então essa educadora social desde os primeiros anos de vida dos indivíduos, posteriormente migrando tal conduta para a efetivação da educação.

Como base analítica, é relevante destacar que a história social e cultural tem um grande papel nessa discussão, uma vez que na comunidade é que se produzem os dogmas ou tradições a serem seguidos e praticados pelos participantes de uma sociedade.

Explorando um período específico da época colonial, Santos destaca que no Brasil desse momento, as mulheres começavam a receber uma forma de "educação" baseada em conhecimentos práticos em vez de científicos. Naquele contexto, instruções religiosas eram transmitidas e compartilhadas com as mulheres. No entanto, com a proclamação da república, o Brasil começou a adotar formas e modelos de educação de acesso gratuito para todos, criando oportunidades para que as meninas pudessem adquirir conhecimento por conta própria, o que lhes permitiu desempenhar papéis diferentes em relação aos seus maridos (2003, p.18 - 19).

Assim como acontece nos dias atuais, a expansão do conceito de uma mulher ministrar ensino para crianças de até 10 anos estava envolta em discussões de gênero. Isso resultava na exclusão de qualquer tipo de conhecimento ou experiência de ensino, perpetuando estereótipos durante o processo de formação educacional e profissional, negando singularidades.

Com efeito:

Isto é, admitir que faz diferença no estudo do trabalho docente o fato de termos uma maioria de mulheres como professoras significa admitir que em qualquer processo de trabalho, seja exercido por homens ou por mulheres, o gênero faz diferença. E que a incorporação dessa perspectiva não pode ser apenas um aditivo a nossas análises habituais, baseadas na dinâmica de classe, mas exige uma revisão de todas as categorias explicativas. (CARVALHO, 1996, p. 79).



Nesse cenário de estudos, as mulheres acabaram avançando, embora muitas vezes em funções em que sua base intelectual era subestimada, com ênfase exclusiva em seu gênero. Portanto, as mulheres continuaram a desempenhar o papel de educadoras, mesmo que essa profissão estivesse constantemente associada às suas responsabilidades afetivas. De fato, como diz Santos; “essas professoras eram adequadas para essa informação mediante somente as funções de amor, carinho e paciência” (2003, p. 18).

Ao trazer o debate sobre a presença das mulheres no magistério para o contexto educacional, é fundamental reconhecer que as divisões de gênero permeiam as escolhas profissionais. Nesse sentido, fica evidente a influência do próprio gênero masculino ao associar a docência como uma ocupação predominantemente feminina, especialmente nos anos iniciais de educação. Isso ocorre, erroneamente, devido à relutância de alguns homens em se envolverem em cuidados primários com seus filhos, o que pode contribuir para a perpetuação de estereótipos negativos em relação aos sentimentos de amor e carinho provenientes desse gênero (SANTOS, 2003).

Sobre essa questão:

Mas é importante ponderar que a noção de maternagem, mesmo que lhe seja genealógica, não parece equacionar a questão da feminilidade em relação à subjetividade docente. A condição materna e a condição da mulher não deveriam se nivelar, mesmo que sejam comumente equiparadas e diferenciadas da condição masculina (PEREIRA, 2014, p. 188).

Isso nos permite compreender que as questões relacionadas ao domínio majoritariamente feminino no campo do magistério, especialmente em espaços públicos e nos primeiros anos do ensino fundamental, suscitam preocupações sobre a evolução dos papéis desempenhados pelos homens nesse contexto. No entanto, e de fato, tem havido um aumento constante no número de homens matriculados em cursos de licenciatura em pedagogia, sinalizando uma mudança significativa nos tempos atuais.

Auxiliar os estudantes do sexo masculino a se inserirem em uma área predominada em sua maioria pelo sexo oposto não é o único desafio para resolver os problemas enfrentados pelos homens no ensino ou na aprendizagem. É necessário dar-lhes voz:

Ao destacar as vozes femininas nas atuais investigações educacionais, corre-se o risco de desconhecer o pensamento dos homens que se enveredam pelo magistério. O mundo da educação, no que concerne o magistério do ensino primário gira atualmente em torno do feminino (inclusive certos estudos, projetos de governo, programas de reformas educacionais, entre outros) (RABELO, 2013, p. 213).

Essa subvalorização do sexo masculino é notável até mesmo na configuração dos ambientes educacionais, o que resulta em diversos fatores que afastam cada vez mais os professores do sexo masculino das escolas. Isso, por sua vez, leva a uma redução na procura por cursos, uma vez que os relatos de profissionais em exercício não são



favoráveis aos estudantes de cursos de ensino superior.

Rabelo (2013) destaca que a distinção de gênero acaba tendo consequências significativas no campo do ensino, especialmente nas narrativas sobre as habilidades necessárias para educar crianças que são frequentemente retratadas como atributos femininos. Como resultado, historicamente, os homens acabam reduzindo consideravelmente sua presença nos setores educacionais, tanto em cargos administrativos quanto no exercício da pedagogia com crianças.

Assim, ao enfatizar apenas as mulheres como as únicas detentoras de todas as habilidades necessárias para educar uma criança, é criada uma mentalidade que dificulta a percepção de que o gênero masculino é capaz de ensinar com afetividade e outros atributos necessários para a formação de uma criança.

Ao trazer o cenário político-educacional para discussão e diálogo, é importante abordar as conexões entre os gêneros e a disparidade na valorização, que se reflete em salários e oportunidades de trabalho significativamente distintas. Assim como as mulheres dominam o espaço do ensino primário no Brasil, os homens muitas vezes ocupam profissões que são mais bem remuneradas e socialmente valorizadas, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

No entanto, é importante observar que as mulheres, em geral, têm o benefício da aposentadoria concedido a uma idade inferior à dos homens, como resultado de sua contribuição previdenciária, o que permite que elas se aposentem mais cedo (BECKER; KASSOUF, 2011, p.79).

Essas discussões forneceram a base para a condução desta pesquisa. No próximo tópico, será verificado se existem estudos relacionados ao tema no Banco de Dados Científicos da Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba.

3. PEDAGOGIA E GÊNERO NO BANCO DE DADOS DA UESPI PARNAÍBA: UM MAPEAMENTO DOS TRABALHOS

Investigando e buscando compreender o interesse (ou não) de discentes no banco de dados da Universidade Estadual do Piauí – UESPI / Campus Parnaíba³ sobre a temática estudada, em especial no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, foram empregados os seguintes indicadores:

- 1 - O gênero Masculino na Pedagogia;
- 2 - O gênero Masculino no Curso de Pedagogia.

Sob o descritor 1 (um) “O gênero Masculino na Pedagogia”, foram encontrados 2 (dois) trabalhos que serão apresentados abaixo.

Tabela 1

Autor	Título	Ano de Publicação	Tipo de Documento	Orientador
-------	--------	-------------------	-------------------	------------

³ O estudo foi realizado no seguinte endereço eletrônico: <http://201.71.217.16:8086/Biblivre5/>.



ASSIS, Francisco das Chagas Marques Silva	A atuação do gênero masculino na educação infantil: análise da realidade em duas escolas de educação infantil de Parnaíba-PI.	2013	Monografia	Luiz Alves de Souza Junior ⁴
FILHO, José de Ribamar dos Reis	PROFESSOR DO SEXO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo com base no Censo Escolar.	[s.d.]	Artigo	Fabricia Pereira Teles ⁵

Fonte: <http://201.71.217.16:8086/BibliVre5/>.

Sob o descritor 2 (dois) “O gênero Masculino no Curso de Pedagogia.” Não foram encontrados trabalhos.

3.1 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES UTILIZANDO O DESCRITOR 1

No estudo conduzido por Assis em 2013, intitulado "A participação dos homens na educação infantil: uma análise da situação em duas escolas de educação infantil em Parnaíba-PI" fica evidente que o autor se empenhou em examinar e ponderar sobre a ausência de profissionais do sexo masculino na área da educação infantil. No entanto, ele também destacou a importância transformadora dos professores, independentemente do gênero, nessa fase.

O trabalho reflete também na historicidade da educação infantil por viés de documentos norteadores da evolução da educação passando pelas construções sociais de gênero e cultural.

A pesquisa se desenvolve em torno do tema nas perspectivas de escolas da cidade de Parnaíba-PI. O autor destaca que a exclusão dos homens na educação infantil foi influenciada por meios culturais antepassados e ultrapassados. Evidencia também que a figura feminina é predominante porque representa afeto e carinho, diferentemente da figura masculina que é autoritária e ausente de "manejo" com crianças. Conclui dizendo que o estudo desvela a existência de preconceito, sendo este um problema sócio-cultural enraizado. Apresenta por fim o debate científico como possível solução.

Continuando com a análise, o trabalho de Filho (s.d.) que aborda o tema "Educadores do sexo masculino na Educação Infantil: uma análise com base no Censo Escolar", o autor apresenta suas indagações sobre a presença de professores do sexo masculino na sala de aula. No contexto, o autor realizou uma pesquisa em uma escola para examinar tanto a quantidade de professores do sexo masculino como a maneira como eram percebidos e os obstáculos que enfrentavam. Isso também permitiu uma comparação entre o número de mulheres e homens que atuam como professores na educação infantil no Brasil.

Na sua pesquisa, Filho (s.d.) também incluiu relatos de alguns professores sobre os desafios enfrentados por homens que trabalham no nível infantil. Esses desafios não

⁴ Professor Especialista. Ex professor do Campus de Parnaíba do Curso de Pedagogia.

⁵ Professora Doutora. Professora do quadro efetivo do Curso de Pedagogia.



se limitaram apenas às restrições em suas atuações, mas também englobaram as dificuldades sociais associadas ao trabalho de homens com crianças.

Em seu estudo, o pesquisador destaca a relevância desse tema não apenas para discussões acadêmicas, mas também para questões sociais e culturais subjacentes às dificuldades enfrentadas pelos professores do sexo masculino na educação infantil. Ele enfatiza a importância de fortalecer a pesquisa nesse conteúdo, reconhecendo que essa problemática transcende o âmbito acadêmico e tem implicações mais amplas na sociedade e na cultura.

4. RELAÇÕES DO GÊNERO MASCULINO COM A PEDAGOGIA NO CENÁRIO ATUAL

Procurando compreender as razões pelas quais os homens frequentemente não optam por carreiras nas séries iniciais e a escassez de presença masculina nos cursos de pedagogia, é essencial explorar esses desafios, uma vez que, segundo Azevedo (2018), a presença masculina na educação superior e no ambiente escolar do ensino fundamental é substancialmente inferior à presença feminina nos mesmos espaços.

Nesse sentido, e conforme preconiza Louro (1997), a compreensão das influências culturais, sociais e históricas ao longo do tempo desempenha um papel crucial na análise das dificuldades enfrentadas pelos estudantes do sexo masculino ao longo de sua jornada no curso de Pedagogia. De fato, durante o desenvolvimento do curso, questões de gênero foram incorporadas à formação de professores e professoras. Como resultado, essas questões têm influenciado e continuam a influenciar o ambiente do curso de Pedagogia, destacando a predominância feminina, e abordando a diferença de gênero dentro do mesmo contexto educacional.

Nesta chave, Flávia Goulart Pereira explana a seguinte situação:

A partir da década de 1860, há um rápido crescimento do número de mulheres no magistério. Tal processo se estende desse período ao início do século XX. Faria Filho e Macedo (2004) apontam que a ideia de que as mulheres eram mais competentes que os homens para o exercício da profissão docente foi sendo construída aos poucos e que já ao final dos anos 30 é possível perceber em contrapartida, a construção da noção de incompetência dos homens em relação ao magistério (2013, p. 23-24).

Podemos examinar o estudo conduzido por Azevedo (2018, p. 07), no qual ele destaca que “na Turma de Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás – Unidade de Quirinópolis do ano de 2010, por exemplo, composta por 30 estudantes, 26 eram mulheres e 4 homens”. Portanto, é fundamental reconhecer e compreender que o gênero predominante influencia a estrutura e a discussão desse ambiente, suas ideias e controle de autoridade têm raízes históricas profundas ao longo do tempo.

Essas implicações, conforme destacado, representam desafios que os homens interessados na carreira de docência podem enfrentar. Ao escolher a pedagogia, eles se deparam com todos os desafios inerentes à formação de professores nesse campo, os



quais podem ser percebidos como algo considerado “natural” sociedade, como ressaltado por Castro e Santos:

Quando se considera as relações de gênero como construções sociais, identificamos que o conjunto de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas relaciona-se com a formação em Pedagogia, caracterizando-a como um espaço hegemônico de formação feminina, reiterado pelos discursos sociais e culturais que associam os cuidados e a educação de crianças às mulheres (2016, p. 59).

No entanto, a educação infantil se estabeleceu como um domínio predominantemente feminino, com os homens progressivamente afastados das responsabilidades relacionadas às crianças, em parte devido à construção social de determinados espaços como “espaços femininos”. Nesse contexto, Azevedo e Pereira contribuem ensinando que:

Mulheres e Homens, sujeitos diferenciados em constante relação cultural e historicamente construída tendo por base a assimetria e a hierarquização, advinda da forma como as mulheres e os homens tiveram acesso aos processos, conteúdos e espaços educacionais. Historicamente, homens e mulheres receberam criação, educação e orientação diferenciada, numa constante afirmação das diferenças e do espaço que cada um/uma pode e deve ocupar na dinâmica social. (AZEVEDO, 2018, p. 15).

O que se refere à escola enquanto espaço profissional é preciso considerar ainda que essa viveu historicamente uma interessante inversão relacionada ao sexo de seu corpo docente. O ensino que em seus primórdios era uma função exclusivamente masculina (somente os homens detinham o conhecimento), paulatinamente vai se tornando um campo de trabalho e formação prioritariamente feminino. (PEREIRA, 2013, p. 23).

Da mesma forma, ao longo dos anos, estereótipos foram estabelecidos, delineando e impondo lugares bem definidos para cada gênero, a fim de orientar os indivíduos pelos “caminhos” já arraigados, conforme sublinhado pela declaração de Rayffi Souza, José Ferreira e Fernanda Leal:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente em estado objetivado das coisas (na casa, por exemplo, as partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado nos corpos, nos *habitus* dos agentes funcionando como sistema de esquema de percepção, de pensamento e de ação (2020, p. 814).

Como resultado, nos ambientes de ensino superior, essa temática continua sendo pouco abordada atualmente. Portanto, a jornada dos homens no curso de Pedagogia se torna uma experiência complexa, marcada por diversos desafios (SOUZA, FERREIRA, LEAL, 2020, p. 812).



Conforme observado por Alvarenga (2015), essa reflexão tem um impacto direto na configuração do currículo do curso de Pedagogia, influenciando também os cursos de educação infantil e ensino fundamental. As dinâmicas de gênero desempenham um papel central na definição do papel e do *status* de diferentes grupos, independentemente de raça ou de grupos considerados inferiores.

Considerando essas questões, as ramificações desses problemas sociais se refletem no contexto educacional, levantando questionamentos sobre por que os homens encontram obstáculos em sua inclusão devido à sua identidade de gênero.

Além disso, em relação à questão da sexualidade, os homens que trabalham na educação infantil frequentemente enfrentam olhares de desconfiança e recebem diversos tipos de comentários, incluindo insinuações sobre sua orientação sexual, devido à percepção de que os docentes que são afetuosos e cuidadosos com as crianças estão agindo de forma que é estereotipada como feminina pela sociedade. Para contribuir com essa discussão, Silva destaca que:

A história como um bom clichê narra as aventuras de cinco meninos que lutam para proteger a deusa Atena e o planeta terra da invasão dos outros deuses. Entre esses garotos encontra-se Shun, cavaleiro da constelação de Andrômeda, ao qual atribui-se uma masculinidade desviante, manso, sereno, humilde, gentil e possuidor de muitas das características tidas como feminina. Animação original dos anos de 1980 o personagem sofreu muitas críticas e foi caracterizado como um personagem homossexual pelo desvio de masculinidade da figura de guerreiro ao qual os outros personagens principais já ofereciam (2021, p. 37-38).

Ademais, ao examinar as conversas relacionadas a esse “personagem estranho” na educação infantil, as ideias apresentadas por Brabo e Oriani (2013, p. 151) enfatizam que:

Em relação à sua masculinidade, o professor, em entrevista, afirmou que, em seus primeiros dias de atuação, sentiu-se avaliado. Além do estranhamento natural de um homem atuar nessa profissão totalmente feminina, ele contou que sabia que, mesmo de forma indireta, sua masculinidade havia sido questionada (2013, p. 151).

Na fala desse educador, é possível identificar aspectos negativos que contribuem para a estigmatização do professor masculino que atua nos anos iniciais, sujeitando-o a estereótipos e preconceitos em relação à sua profissão e práticas. Dessa forma, esses estigmas sociais prejudiciais na educação infantil continuam a ser perpetuados pelos responsáveis pela gestão do ambiente escolar, frequentemente, desempenhando um papel proeminente nas decisões, conforme enfatizado nos estudos de Brabo e Oriani:

Contudo, a diretora explicou que não atribuíra turma de crianças muito pequenas a ele. Ela considerava que as crianças pequenas tinham mais apego com a figura feminina e que, normalmente, a figura paterna se mantinha afastada da criança, por isso quando as crianças pequenas



chegassem e não vissem uma mulher, elas não ficariam na escola (2013, p. 152).

Acontecendo novamente, as distintas abordagens devido a fatores sociais e históricos retratam as mulheres como indivíduos carinhosos e portadores de uma forte afetividade, enquanto os homens são frequentemente associados apenas à autoridade, poder e disciplina no contexto educacional (PEREIRA, 2013).

Evidentemente, ao abordar essas questões, é clara a predominância das mulheres no campo do ensino, especialmente nos anos iniciais. No contexto da educação infantil, essa supremacia das mulheres é ainda mais pronunciada. Para contextualizar essa problemática, é relevante analisar dados que destacam essa disparidade. No Brasil, segundo Alvarenga (2015, p. 107) a proporção de professores do sexo feminino é de "81,94%", enquanto a de professores do sexo masculino é de apenas "18,06%". Como resultado disso, é possível observar que pode haver um impacto no curso de Pedagogia, uma vez que os homens podem se sentir desencorajados em sua busca por formação nessa área.

Nesse contexto, é fundamental que a educação não seja moldada pela predominância de um único gênero no ambiente escolar, a fim de evitar a reprodução das desigualdades historicamente impostas pela sociedade. Isso é essencial para que a ausência do público masculino na Educação Básica do Brasil não se torne algo naturalizado. É importante ressaltar a importância da afirmação de Alvarenga, que destaca:

Ao manter o tema da "igualdade de gênero" e de "orientação sexual" não se está formulando uma "ideologia de Gênero" ou procurando anular diferenças percebidas entre as pessoas, mas garantir um espaço democrático onde tais diferenças não se desdobrem em desigualdades. Trata-se de garantir que a escola não seja um espaço de reprodução de violência, mas de respeito à diversidade e de formação para a cidadania. (2015, p. 112)

Em outras palavras, é possível abordar esse tema nas escolas e em contextos sociais e culturais, permitindo que a comunidade desconstrua preconceitos em relação à presença de professores homens nos anos iniciais das instituições de ensino.

Nessa discussão, Flávia Goulart Pereira (2013, p. 24), citando Faria Filho e Macedo, destaca a importância de examinar não apenas o processo de feminização, mas também o "processo de desmasculinização" do magistério. Isso ressalta a necessidade de compreender não apenas a predominância das mulheres no ensino, mas também as razões por trás da diminuição da presença de homens nessa profissão.

Aproveitando os pontos destacados sobre a minoria de professores homens nas escolas de Educação Básica, é válido analisar dados pertinentes para enriquecer a discussão. Isso ajuda a compreender a extensão da disparidade, não se limitando a regiões isoladas, mas abrangendo todo o país. O censo de 2022 pode servir como uma referência para esses dados comparativos.



O ensino básico brasileiro é realizado por mulheres, na sua maioria. Do corpo docente, composto por 2.315.616 profissionais, 1.834.295 (79,2%) são professoras. É o que revelam os dados do Censo Escolar 2022, realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC). Na educação infantil, etapa em que se inicia a trajetória escolar regular, elas são praticamente a totalidade de quem educa: 97,2%, nas creches e 94,2%, na pré-escola. No ensino fundamental, as mulheres são 77,5% dos 1,4 milhão de docentes. E no médio, elas representam 57,5% do total de 545.974 em todo o país. (MEC, 2022.).

Além do mais, é importante relacionar esses princípios que enfatizam a predominância do sexo feminino no ensino da Educação Básica, especialmente nos anos iniciais e na Educação Infantil, com a situação no ensino superior. Isso se reflete nas dificuldades que os alunos enfrentam no curso de Pedagogia, com poucos estímulos para uma visão futura, considerando a realidade destacada pelo censo escolar. A situação nas escolas reflete diretamente a realidade no nível superior.

Educação superior – a edição mais recente do Censo da Educação Superior (2021) mostra que as mulheres predominam entre os estudantes matriculados no ensino superior. Dos 8.987.120, 58,1% (5.249.275) são mulheres. Quando se observa especificamente as licenciaturas, 72,5% das matrículas são de mulheres. Elas também correspondem a 61% (809.196) dos 1.327.325 de concluintes, sendo a maioria em oito das dez áreas gerais de cursos. Educação (77,9%); Saúde e bem-estar (73,3%); e Ciências sociais, comunicação e informação (72%), essas são as três áreas em que há maior prevalência de mulheres entre aqueles que concluíram (MEC, 2022).

De fato, a análise de problemáticas como essa busca identificar, questionar e resolver questões relacionadas à evasão de alunos ao longo de sua jornada educacional. Essa abordagem permite que o ambiente acadêmico promova discussões e adote medidas direcionadas às variáveis identificadas, com o propósito de reduzir a incidência da perda do direito educacional por parte dos estudantes.

Em relação à evasão, Lobo argumenta:

Um problema internacional que afeta o resultado dos sistemas educacionais. As perdas de estudantes que iniciam, mas não terminam seus cursos são desperdícios sociais, acadêmicos e econômicos. Para o setor público, são recursos públicos investidos sem o devido retorno, já para o setor privado, é uma importante perda de receitas. Em ambos os casos, a evasão é uma fonte de ociosidade de professores, funcionários, equipamentos e espaço físico (2012, p. 642).

Como resultado, torna-se fundamental promover uma ampla discussão e conscientização da problemática nos ambientes educacionais, bem como nos espaços socioculturais, abordando esses debates e empenhando-se em mitigar os efeitos que perduram na formação do homem no curso de Pedagogia até os dias atuais.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto neste trabalho, é possível identificar pontos histórico-sociais que contribuíram para os acontecimentos atuais. A presença significativa de mulheres nos anos iniciais reflete a construção de sua identidade em uma sociedade que, por conseguinte, resultou nos desafios enfrentados hoje pelo público masculino ao optar pelo curso de Pedagogia no ensino superior.

De fato, o tema ainda é pouco discutido e abordado em pautas relevantes, o que resulta em dificuldades e falta de estímulo para os alunos homens concluírem o curso. Considerando que essa discussão ultrapassa as fronteiras do magistério ou do curso de Pedagogia, devido ao papel predominante do patriarcado na sociedade atual, torna-se essencial desafiar e desconstruir essa estrutura. Essa desconstrução busca minimizar seus efeitos não apenas no âmbito educacional, mas também em diversas profissões.

É crucial promover a ideia de que homens e mulheres têm o direito de ocupar qualquer espaço de acordo com suas aspirações, desmantelando a concepção arraigada de que cargos ou profissões estão intrinsecamente vinculados a um determinado gênero. Essa abordagem visa mitigar as repressões enfrentadas por grupos pertencentes a minorias sociais, incluindo a comunidade LGBTQIA+, entre outros. Dessa forma, há uma necessidade premente de realizar extensas pesquisas para compreender como esses fatores geradores do problema abordado nesta pesquisa se manifestam nos espaços sociais e educacionais contemporâneos.

Nesta chave de análise, é crucial promover e abordar a representatividade do professor masculino no Ensino Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto da Educação Superior. Essa promoção deve incluir amplas discussões nos âmbitos municipais, destacando as questões relacionadas à "discriminação" direta e indireta enfrentada por professores homens nessas fases iniciais do ambiente educacional. O objetivo é conscientizar e aumentar a visibilidade do homem como professor, especialmente aqueles com formação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Essa iniciativa visa não apenas quebrar os paradigmas sociais impostos à docência, mas também criar espaço para que todas as minorias sejam representadas. Ao desafiar as normas que excluem determinados gêneros ou grupos, busca-se não apenas melhorar a qualidade da educação, mas também contribuir para uma transformação positiva na sociedade como um todo.

Com base nos documentos analisados e investigados no Banco de Dados da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, especificamente no Campus de Parnaíba e no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, constatou-se a inexistência de trabalhos sobre o homem no curso de Pedagogia. Isso destaca a relevância e a necessidade de abordar essa discussão que, até o momento, parece estar ausente nesse contexto acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Cad. Pesq**, São Paulo, n.96, p.71-78, fev. 1996.



ALVARENGA, Adriana Castro de Resende. Quais as implicações das relações de gênero no ensino fundamental. **Espaço Feminino**, v. 28, n. 1, 2015.

ANFOPE - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. **Formação dos profissionais da educação e base comum nacional**: construindo um projeto coletivo. Disponível em: <https://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2018/05/11%C2%BA-Encontro-Docemento-Final-2002.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

ASSIS, Francisco das Chagas Marques Silva. **A atuação do gênero masculino na educação infantil**: ~ análise da realidade em duas escolas de educação infantil de Parnaíba-PI. 2013. 105. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Estadual do Piauí, Piauí, 2023.

AZEVEDO, Gilson Xavier de. A presença masculina em cursos de Pedagogia. **Científic@- Multidisciplinary Journal**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2018.

BECKER, K. L.; KASSOUF, A. L. Diferença salarial e aposentadoria dos professores do ensino fundamental. *Economia Aplicada*, v. 16, n. 1, p. 77-104, 2012.

BERRA, Francisco Antônio. Si as mulheres são preferíveis, ou não, aos homens para dar aos meninos a instrução primaria. **Educação e ensino**. Revista Pedagógica de Instrução Pública Municipal. Rio de Janeiro: 1897.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; ORIANI, Valéria Pall. Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil. **Educação Unisinos**, v. 17, n. 2, p. 145-154, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo Escolar 2022**. Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>. Acesso em: 29 out. 2023.

CARVALHO, Marília Pinto de. Trabalho docente e relações de gênero Algumas indagações. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, 1996.

CASTRO, Roney Polato de; SANTOS, Vinícius Rangel dos. Relações de gênero na Pedagogia: concepções de estudantes homens. **Educação em perspectiva**, v. 7, n. 1, 2016.

COSTA, A. de. O.; BRUSCHINI, C. Uma contribuição ímpar. Os Cadernos de Pesquisa e a consolidação dos estudos de gênero. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 80, fev. 1995.

DEMARTINI, Zeila de Brito; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. In: CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza e SILVA, Vera Lúcia Gaspar (Orgs.). **Feminização do magistério**: vestígios do passado que marcam o presente. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

FILHO, José de Ribamar dos Reis. **Professor do sexo masculino na Educação**



Infantil: um estudo com base no Censo Escolar. [s.d.]. 12. Trabalho Acadêmico (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Universidade Estadual do Piauí, Piauí, 2023.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. Masculinidades e docência na educação infantil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(2): 562, maio-agosto/2017.

LOBO, Maria Beatriz Carvalho de Mello. Panorama da evasão no ensino superior brasileiro: aspectos gerais das causas e soluções Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior . **Cadernos**, Brasília, DF, v. 25, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

PEREIRA, Flavia Goulart. **Homens no curso de pedagogia:** as razões do improvável. 2013. 146. Mestrado em Educação (Dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Minas Gerais, 2013.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. O Que Quer Uma Professora? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 181-199, jan./mar. 2014.

RABELO, Amanda. Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro – Brasil e Aveiro-portugal. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 48, p. 207-234, Editora UFPR, 2013.

SANTOS, Adriana Regina de Jesus. LUPORINI, Teresa Jussara. Uma reflexão sobre a feminização no magistério. **UNOPAR Cient.**, Ciênc. Hum. Educ., Londrina, v. 4, n. 1, p. 17-23, jun. 2003.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil:** um estudo de professores em creche. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Samuel Henrique Mota. **Relações de Gênero na Educação:** à docência masculina na educação infantil. 2021. 62. (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Pará, 2021.

SILVA, Sandreilane Cano da. **Currículo e Políticas Públicas para a educação Infantil**. [livro eletrônico]. São Paulo: Editora SENAC, 2020.

SOUZA, Rayffi Gumercindo Pereira de; FERREIRA, José Luiz; LEAL, Fernanda de Lourdes Almeida. Docência na Educação Infantil: Tecendo reflexões sobre gênero, masculinidade e formação de professores/as. **Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 807-832, 2020.